

PROMOVENDO A DIVERSIDADE? A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES MIGRADAS NA TELEVISÃO PÚBLICA DA CATALUNHA (TV3)

Luciana Pontes¹

Recebido em: 10/03/2013 | Aceito em: 06/08/2013

Resumo

A representação audiovisual das migrações é um tema muito debatido na Europa dos últimos anos. No caso espanhol, como consequência às fortes críticas ao tratamento que a mídia dispensa aos coletivos migrados, foram criadas recomendações éticas e até mesmo entidades como a Mesa para a Diversidade no Audiovisual, numa tentativa de melhorar o teor das representações sobre as migrações. Apesar de que aparentemente estas medidas não chegaram a alterar radicalmente os noticiários televisivos, podem ser observadas novas propostas de aproximação ao fenômeno migratório. Os programas de divulgação científica de não ficção sobre a experiência migratória representam assim uma tendência inovadora na programação televisiva tanto catalã como espanhola. Neste artigo, se analisam as representações sobre as mulheres migradas neste tipo de programas transmitidos pela TV3, canal que em 2006 criou, internamente, uma Comissão para a Diversidade.

Palavras chave: gênero, migrações internacionais, audiovisuais, Catalunha.

PROMOTING DIVERSITY? THE REPRESENTATION OF THE MIGRATED WOMEN IN THE CATALONIAN PUBLIC TELEVISION (TV3)

Abstract

The audiovisual representation of the migrations is a strongly discussed theme in Europe of these last years. In the Spanish case, as a consequence to the strong critics to the treatment that the media dispenses to the collective migrated, there have been created ethic recommendations and even entities such as the Table for the Diversity in the Audiovisual productions trying to improve the content of the representations of the migrations. Although apparently these measures have not radically altered the television news reports, new proposals of approximation to the migratory phenomena can be observed. The programs of non-fiction scientific divulgation about the migration experience represent an innovative tendency in the television programming both Catalanian and Spanish. In this article we analyze the representations about the migrated women in this kind of programs broadcast by the TV3 channel which in 2006 created, internally, a Commission for the Diversity.

Keywords: gender; international migrations; audiovisuals; Catalonia.

¹ Luciana Pontes é graduada em Ciências Sociais, modalidade Antropologia, pela UNICAMP. É mestra em Antropologia do Espaço pela Universidade Nova de Lisboa e em Pesquisa Básica e Aplicada em Antropologia pela Universidade Autônoma de Barcelona. Atualmente está concluindo o seu doutorado em Mídia, Cultura e Comunicação na mesma universidade.

Introdução

A centralidade dos meios de comunicação na sociedade contemporânea faz com que esta seja considerada por muitos uma “sociedade da informação” (CASTELLS, 1998). As mensagens da mídia persuadem em matéria de crenças e definições estruturantes da realidade (MCQUAIL, 1983), apresentando os interesses de determinados grupos como a normalidade dos fatos e o interesse geral da população (CHOMSKY & RAMONET, 2005). Apesar da relativa liberdade do público de receber criticamente estas mensagens, os meios de comunicação conferem status e legitimidade a certos setores da sociedade, assim como a seus comportamentos e atividades. Simultaneamente, as práticas e significados dos demais grupos são excluídos ou marginalizados no campo semântico social.

Como não poderia deixar de ser, estes procedimentos aplicam-se também às questões de gênero. A análise das representações sobre as mulheres é um tema que pode ser considerado “clássico” no campo dos estudos de gênero², incidindo sobre os diferentes mecanismos de dominação simbólica que atribuem um status inferiorizado ao sexo feminino. Apesar de ser inegável que as representações culturais de gênero passaram por transformações nas últimas décadas, especialmente devido à profundas e aceleradas mudanças sociais, a persistência das desigualdades de gênero continua refletindo-se nos meios de comunicação.

No caso espanhol, os discursos tradicionais de gênero não são mais socialmente aceitáveis em relação às mulheres espanholas e europeias, apesar de ainda serem tacitamente transmitidos pelos meios de comunicação. Como afirmam Moreno, Rovetto e Buitrago (2007, p.170):

“...no se trata de un problema que pueda reducirse al “género”, ni a las relaciones entre mujeres y hombres, sino de un sistema simbólico androcéntrico, construido articulando diversas divisiones sociales que afectan al sexo y la edad, la clase social y los pueblos de procedencia. (...) En primer lugar, porque estos protagonistas (...) pocas veces se tienen en cuenta como agentes sociales activos en sentido positivo...”.

Como observa Nash (2006), a representação das mulheres em termos de um discurso tradicional de gênero é muito mais declarada no caso das mulheres migradas, as quais são frequentemente representadas em termos de domesticidade, passividade, maternidade numerosa e obrigatória, inatividade e dependência econômica. Vale ressaltar que estas representações intensificam-se no caso das pessoas não pertencentes à Comunidade Europeia, sendo que, quanto mais periférica sua origem, mais estigmatizada é sua representação. Com efeito, a categoria “imigrantes” não costuma aplicar-se às pessoas oriundas de países como EUA ou Japão, as quais costumam ser consideradas apenas como estrangeiras, categoria cuja conotação é muito mais positiva.

Desde a adesão da Espanha à União Europeia (1986), a mídia tem construído representações que, baseadas na legislação criada para controlar a circulação de trabalhadores através das fronteiras, colocam em oposição as cidadanias europeias e extracomunitária (SANTAMARIA, 1993). Assim, os meios de comunicação representam os extracomunitários em termos de ilegalidade, pobreza, criminalidade e ignorância, facilitando uma visão das migrações como um problema que ameaça a ordem pública (LORITE, 2004; BASTIDA, 2006). Esse discurso, baseado no eurocentrismo, constrói “o imigrante” como um outro cultural incompatível com a “essência” supostamente democrática e humanista europeia (STOLCKE,

² Embora o objeto deste artigo seja a representação das mulheres, ressalta-se aqui a sua intenção manifesta de evitar uma equiparação reducionista entre gênero e mulheres.

1995; SHOHAT & STAM, 2002). Assim, as representações da mídia justificam a exclusão das pessoas extracomunitárias do exercício da cidadania na UE.

Apesar do grande número de representações das migrações internacionais articuladas na mídia espanhola nos últimos anos, a construção discursiva de “o imigrante” como homem significou a invisibilidade da migração feminina. Embora as mulheres representem cerca de metade do total da migração e até mesmo predominem nos movimentos migratórios de várias nacionalidades, é notória sua ausência nos meios de comunicação. Além disso, a escassa presença destas mulheres muitas vezes encontra-se vinculada à sua apresentação como vítimas da violência de gênero e a respectiva culpabilização dos homens migrados como (únicos) responsáveis pelos maus tratos às migradas (CARRACEDO, 2008). Adicionalmente, como mostra Argote (2007) em seu estudo sobre a representação das migradas no cinema espanhol de princípios do século XXI, existe uma forte associação entre a migração feminina e criminalidade, prostituição, tráfico de drogas e outros estereótipos negativos.

No entanto, Gil (2002, p.29) explica que é um processo multifacetado, no qual gênero interage com vários outros símbolos de status e distinção social:

“...La naturalización de las tareas requeridas para el desempeño de estas actividades se “encarna” no sólo en el hecho de ser mujer, sino también en una suerte de clasificaciones o diferenciaciones que conllevan una serie de valoraciones jerarquizantes y discriminatorias. Diferenciaciones que remiten a construcciones culturales existentes acerca del país de origen, el color de la piel y la lengua o la religión y que se muestran en los significados que se dan a determinados estilos de vida, costumbres, formas de vestir, expresiones corporales, formas de hablar...”

Assim, verificamos que o pensamento patriarcal articula com a ideologia etnocêntrica, fazendo um discurso sobre as mulheres migradas como atrasadas e arcaicas em termos de gênero, quando, na verdade, é o discurso sobre estas mulheres que parece algo do passado. Gregorio Gil (2002) relaciona ainda a dimensão simbólica destas representações ao status subordinado que as migradas ocupam na sociedade espanhola. Assim, estas representações podem ser associadas aos benefícios extraídos da exploração dessa mão de obra no mercado de trabalho.

Como evidenciado por Breijóo Rodriguez (2009), no único estudo específico sobre a representação das migradas na televisão localizado até o momento, a perspectiva andro e eurocêntrica da migração ainda é muito presente neste meio. As migradas aparecem menos tempo na programação, raramente o fazem sem companhia masculina e são mais frequentemente associadas à esferas afetivas que profissionais, etc.

Apesar deste discurso dominante marcado por representações majoritariamente negativas, a crítica das práticas jornalísticas em matéria de migração levou a um movimento de criação de recomendações éticas e até mesmo de organismos para regular a representação da diversidade na mídia. Assim, observam-se novas propostas de aproximação à temática, como os programas de divulgação de não ficção sobre a experiência migratória transmitidos pelas televisões públicas. A pesquisa que motiva este trabalho enfoca a implementação destas medidas, especialmente na TV3, a televisão pública catalã. Em 2006, este canal estabeleceu, internamente, uma Comissão de Diversidade, convertendo-se num dos pioneiros no Estado espanhol. Assim, este artigo propõe uma análise dos programas de não ficção dedicados às migrações internacionais produzidos pela TV3. Em particular, o objetivo deste trabalho centra-se na análise das re-

apresentações sobre as mulheres migradas, explorando a ligação entre a migração, gênero e audiovisuais.

Metodologia e conceitos chave

Uma das principais questões conceituais deste trabalho é a definição de mulheres migradas. Este artigo questiona o conceito de “imigrante”, especialmente em virtude de ter conotações de transitoriedade e desenraizamento (RODRIGO ALSINA, 2006). Desde o início das migrações pós II Guerra Mundial para países como Alemanha, Inglaterra e França, as representações sobre migrações internacionais foram construídos em torno da retórica dos *guest workers*. Isto é, desde então, os “imigrantes” são discursivamente construídos como homens que realizam um trabalho temporário e depois voltam para seu país de origem, depois de ter reunido algumas economias (MILLS-AFFIF, 2004). Historicamente, contudo, tornou-se evidente que muitos processos migratórios são definitivos ou de longo prazo, envolvendo diferentes gerações e projetos familiares. Além disso, aproximadamente metade das pessoas migradas atualmente no mundo são mulheres (UN POPULATION FUND, 2006). Porém, enquanto autoras como Sipi e Araya (2005) usam a palavra “imigradas”, prefere-se aqui usar o termo migradas, uma vez que o prefixo “in” fala desde a perspectiva dos países receptores.

No entanto, como apontado por estas autoras, o uso da categoria “mulheres migradas” (ou qualquer de seus correlativos) implica um risco de reificação. Assim, apesar do foco desta pesquisa ser no estudo das mulheres migradas, é importante esclarecer que gênero não pode ser reduzido a mulheres. Além disso, também deve ficar claro que as mulheres migradas não são um grupo homogêneo, uma vez que existem consideráveis diferenças de classe, nacionalidade, etnia, orientação sexual, idade, religião etc. que conformam um complexo amálgama de identidades e posição social.

Neste sentido, a atribuição legal e formal da nacionalidade tem um peso específico e não pode ser ignorada. No entanto, esta deve ser compreendida como mais um dos múltiplos aspectos do processo identitário, em permanente interação com outros marcadores sociais (tais como gênero, classe, etnia, etc). Além disso, as identidades nacionais também são consideradas em sua dimensão performativa, tendo em conta o trabalho permanente de invenção (ANDERSON, 1991) e reelaboração e apropriação das tradições (GILROY, 1993) dentro dos campos sociais nos quais os atores se movimentam e constroem seus relacionamentos. Como não poderia deixar de ser, as representações ao redor das identidades nacionais veiculadas na televisão são bastante relacionadas às próprias categorias da sociedade que produz estes discursos.

A Espanha possui coletivos migrados altamente feminizados, como, por exemplo, é o caso de diversas nacionalidades da Europa e América Latina. No entanto, apesar das mulheres alemãs, francesas e britânicas serem bastante numerosas na Espanha, estas se encontram bastante ausentes dos discursos sobre as migrações, uma vez que elas são percebidas apenas como “estrangeiras”. Em geral, esta categoria é muito menos negativa e aplica-se a europeus ocidentais e outros “países do Norte” (embora muitas vezes os cidadãos alemães e especialmente do Reino Unido também possam ser percebidos através dos estereótipos de turistas de verão ou idosos que procuram um país ensolarado para viver em sua aposentadoria).

O conceito de “imigrante” geralmente encontra-se associado à imagem do trabalhador ou delinquente, percebido como fundamentalmente pobre, racializado e exótico. Assim, de uma maneira geral, esta categorização social encontra-se relacionada às percepções de Africano, da América Latina e nacio-

nalidades asiáticas. Alguns coletivos latino-americanos são especialmente feminizados, como é o caso de pessoas originárias da Bolívia, Brasil, Colômbia, Cuba, República Dominicana, Equador, Paraguai, Peru e Venezuela. Dentro destas nacionalidades, o fato do número de mulheres migradas exceder o de homens está relacionado às redes migratórias estabelecidas e aos tipos de profissões associadas à estas. Além dos países latino-americanos, outros grandes emissores de mulheres migradas para o Estado espanhol são as Filipinas e os países da “Europa Oriental”.

Apesar de existirem hierarquias bem estabelecidas e generalizadas definidas através do entrelaçamento de classe, raça e nacionalidade, as definições de quem são os *outsiders* e em que medida estes o sejam, permanecem problemáticas. Isto ocorre com as definições de estrangeiro e migradas, mas tampouco é indiscutível definir quem é um autóctone na Catalunha. A sociedade catalã foi formada ao longo de processos históricos em que a contribuição demográfica dos diferentes contingentes migratórios é inquestionável. Como já mencionado, a hierarquização mais comum, dentro e fora da tela, é a abordagem da União Europeia que classifica as pessoas em “cidadãos comunitários” e “extracomunitários”. No entanto, na Catalunha a prática da diferenciação entre cidadãos espanhóis e estrangeiros comunitários também é comum, assim como a distinção entre catalães e pessoas de outras partes da Espanha.

Como a Catalunha não é reconhecida como um Estado nacional, esta manteve a sua identidade nacional principalmente através de sua língua, especialmente durante a ditadura de Franco, quando falar em catalão era até mesmo proibido. Neste cenário, no qual a identidade não pode ser rígida, sob a ameaça de seu desaparecimento, há discursos distintos sobre o que é ser catalão. De um lado, há a prática generalizada de classificar as pessoas como catalães “puros” e aqueles de ascendência espanhola ou de casamento entre pessoas espanholas e catalãs (CLUA FARNÉ, 2011). Nos discursos cotidianos, há expressões como “Catalans de tota la vida” que se refere às pessoas que não só nasceram na Catalunha e falam em Catalão, mas que também são de “pura” ascendência catalã. Outra expressão significativa é “xarnego”, um nome depreciativo para os filhos de casamentos mistos entre catalães e pessoas do sul da Espanha, o mais importante “outro” dentro do Estado espanhol.

Por outro lado, há discursos mais flexíveis sobre a catalanidade, os quais repousam em grande medida numa valorização do uso do idioma catalão. Assim, as pessoas de ascendência espanhola seriam (mais) catalãs no caso delas falarem o idioma. Nos últimos anos, com o aumento das migrações internacionais, alguns setores da sociedade catalã também sugerem que esta possibilidade poderia aplicar-se também às pessoas estrangeiras e migradas: caso estes desejem fazer parte da Catalunha, poderiam (possivelmente) fazê-lo através do esforço de aprender catalão.

Assim, apesar da nacionalidade formal, concedida pelo governo espanhol, a existência de reivindicações de outras línguas, nacionalidades e idiosincrasias no território espanhol faz com que as categorias sociais sejam muito mais complexas do que a sua definição legal. As categorias sociais usadas para classificar as pessoas como migradas ou autóctones estão sendo reformuladas ao longo de distintos processos migratórios. Falando apenas da migração para a Catalunha, em meados do século XX houve uma importante migração espanhola, especialmente andalusa, que representava o antigo conceito de “imigrantes”. No final do século XX e início do XXI, com a adesão da Espanha à União Europeia, as migrações internacionais aumentaram, provocando redefinições deste conceito.

Desta forma, na classificação dos protagonistas dos programas segundo a sua origem, uma difi-

culdade é que há personagens que encarnam esta situação de complexidade histórica das fronteiras. Por exemplo, as pessoas de outras partes da Espanha, por vezes são retratados como nativas e outras como migradas, em função tanto de se falam catalão quanto do papel que ocupam na narrativa do audiovisual. Nos casos que são considerados migradas, tal categorização evoca uma reivindicação da memória histórica. No entanto, tal situação também revela categorias sociais que não deixaram de existir na sociedade catalã, mas, sem dúvida, passaram por transformações. Como pretende-se analisar os discursos transmitidos, em primeiro lugar os personagens foram classificados de acordo com as definições encontradas nos próprios audiovisuais. Isto é, se uma personagem é apresentada como migrada, esta classificação é seguida, para permitir a medição da recorrência de algumas representações, papéis narrativos, etc. No entanto, existem (poucos) casos em que não é mencionada nem nacionalidade das personagens, nem há qualquer indicação clara se elas são consideradas autóctones, estrangeiras ou migradas. Nestas situações, é empregada a autoidentificação das personagens.

Cada um dos 531 episódios transmitidos entre 2008 e 2011 foram visualizados cerca de três vezes. Foi empregada uma combinação de métodos quantitativos e qualitativos para extrair dados de todos os capítulos e, em seguida, os episódios protagonizados por mulheres migradas foram submetidos à análise de conteúdo. Para facilitar a coleta e processamento de informações, foi criada uma base de dados que consiste em planilhas com notas descritivas e perguntas de pesquisa de cada episódio. Neste processo, os programas foram classificados de acordo com categorias temáticas, sexo e origem dos protagonistas. Além disso, há também considerações mais interpretativas como: Quem são os personagens principais? Quem conduz o ponto de vista?, etc.

Os programas analisados

Tot un món (Todo um mundo³)

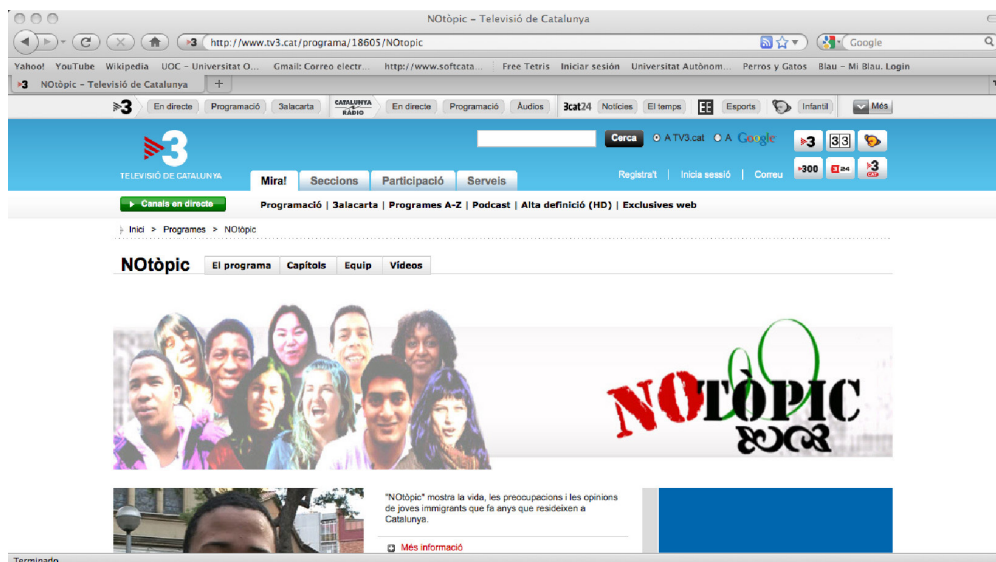


Tot un món começou a ser transmitido em outubro de 2004. É um programa que aborda vários aspectos da migração, enfatizando especialmente as de origem extracomunitária. No tratamento das diver-

³ Tradução livre.

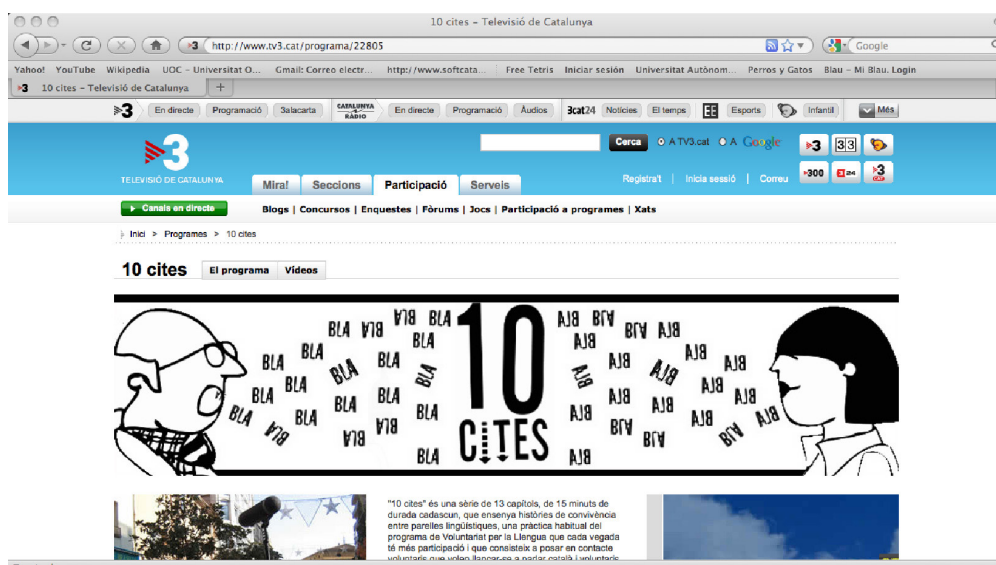
sas culturas presentes na Catalunha, enfoca as pessoas e organizações que trabalham para o acolhimento e integração dos recém-chegados. Assim, o programa busca divulgar tanto as boas práticas nas questões relacionadas à migração quanto as soluções encontradas pelo governo, associações e particulares. Em alguns programas, *Tot un món* também investigou as experiências pessoais relacionadas aos processos migratórios, ou, em outros casos, buscou especialistas para discutir questões relacionadas com o processo de chegada, recepção e integração de pessoas que escolheram viver na Catalunha. Às vezes, o programa também enfoca os espaços de socialização comuns criados entre a população nativa e as pessoas migradas.

Notòpic (Sem estereótipo⁴)



Notòpic é um programa que mostra as vidas, preocupações e opiniões de jovens de origem migrada que vivem na Catalunha há anos. O programa foi transmitido em 2008 e 2009 e apresenta uma aproximação mais jovial à temática migratória. Em cada episódio, há uma seção sobre a história de vida de um protagonista, mostrando seu ambiente familiar, amigos, relacionamentos, etc. A segunda parte mostra um tipo de *brainstorm*, em que o grupo de jovens reflete sobre algumas questões relacionadas com a migração.

10 cites (Dez encontros⁵)



⁴ Tradução livre.

⁵ Tradução livre.

10 cites é uma série que mostra, em 13 capítulos, histórias de convivência entre pares de intercâmbio linguístico. Esta troca, uma prática comum do programa de Voluntariado para a Língua, conecta pessoas que querem aprender a falar catalão e voluntários que querem ajudar a difundir o idioma. Este programa foi ao ar em 2008 e 2009.

*Karakia*⁶

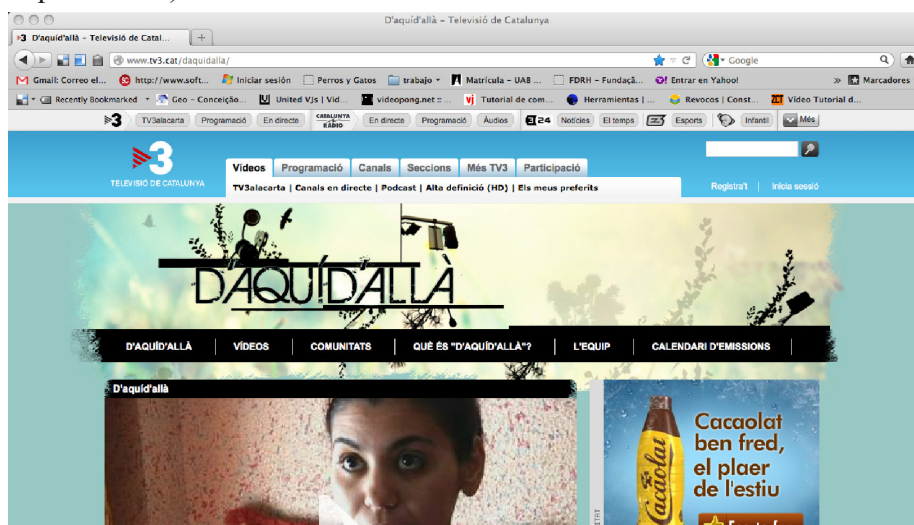


A proposta de *Karakia* é uma abordar a diversidade cultural através da alimentação. De acordo com o site do programa:

“... No começo, Karakia foi concebido como um retrato amável, íntimo e próximo de diferentes comunidades culturais. Tratava-se de mostrar uma realidade em mudança em nosso país para aproximar aos espectadores os novos vizinhos de todo o mundo que chegaram a Catalunha. Quisemos fazê-lo através da cozinha, pedindo-lhes que nos falassem dos seus ingredientes e nos ensinassem a preparar os seus pratos ...”⁷

Basicamente, o programa tentou encontrar na comida algo como um aglutinante “universal”, ensinando os costumes e tradições de diferentes culturas. Em alguns programas, há uma seção dedicada a uma apresentação geral do país em questão, utilizando recursos como mapas, músicas, imagens, etc.

D'aquí d'allà (Daqui e de lá)⁸



⁶ Expressão sem tradução exata, é uma invocação neozelandeza feita antes das refeições.

⁷ Tradução livre.

⁸ Tradução livre.

De acordo com o próprio site do programa:

“...*D’aquí d’allà* é uma iniciativa da Comissão de Diversidade da Televisão da Catalunha que tem como objetivo mostrar a realidade cotidiana das principais comunidades imigrantes que vivem na Catalunha e divulgar com maior profundidade as culturas e sociedades de origem.

Cada mês, uma comunidade de imigrantes e o seu país têm sido o foco de atenção no (canal) 33 através de todo o tipo de programas: documentários, reportagens, filmes, revistas culturais, programas de entrevistas, debates, ...

Foram realizadas duas temporadas com estes países protagonistas: Marrocos, Equador, China, Colômbia, Romênia, Bolívia, Argentina, Paquistão, Peru, Brasil e Senegal-Gâmbia ... “

As representações sobre as mulheres migradas nos programas de não ficção TV3

Neste item, são consideradas questões como: quem fala e quem são os portadores do ponto de vista dos programas de divulgação de não ficção sobre as migrações transmitidos por TV3? Estes programas são tendenciosos em termos de gênero? Quais papéis aparecem associados às migradas? Há alguma característica estilística que nos ajuda a descobrir a perspectiva com a qual estão construídos estes audiovisuais? Que tipo de relação é observada entre autóctones e migradas?

Os programas analisados são cinco: *10 cites*, *D’aquí d’allà*, *Karakia*, *No tòpic* e *Tot un món*⁹. Geralmente, estes programas são baseados em reportagens de duração variada, com uma relativa diversidade de temas e abordagens. Por exemplo, *10 Cites* é um programa dedicado à política de normalização da língua catalã, tratando da integração dos recém-chegados através da experiência dos intercâmbios linguísticos. A marca distintiva de *D’aquí d’allà* é a abordagem transversal da questão da migração cujos conteúdos se estendem a outros espaços da programação do canal. Por outro lado, *Karakia* trata as migrações através da gastronomia, mostrando as personagens migradas cozinhando refeições típicas e/ou restaurantes e profissionais de culinária “exótica”. Enquanto isso, *Tot un món* é mais voltado a o trabalho de instituições e/ou pessoas ligadas ao terceiro setor, assim como às histórias de vida das pessoas migradas. Finalmente, *No Tòpic* é um programa que enfoca a juventude migrada ou descendente da diáspora, sendo também os jovens o seu público-alvo. Nos anos de 2008 e 2009 foram transmitidos quatro dos cinco programas analisados: *10 cites*, *Karakia*, *No tòpic* e *Tot un món*. Em 2010, os programas *10 cites* e *No tòpic* deixaram de ser produzidos, mas alguns dos episódios já transmitidos voltariam a ser repetidos, aparentemente para cobrir buracos na programação do canal¹⁰. Nesse mesmo ano, começou o programa *D’aquí d’allà*. Assim, em 2010 e 2011 são analisados apenas os programas *D’aquí d’allà*, *Karakia* e *Tot un món*.

Em 2008, foram transmitidos 99 episódios de quatro programas listados anteriormente. Desse total, 63 fazem parte da amostra, 40 dos quais protagonizados por mulheres migradas e 23 por ambos os sexos. Observa-se, então, uma predominância do sexo feminino na distribuição de programas segundo o sexo do protagonista. Neste ano, as migradas são as personagens que mais têm voz e que conduzem o ponto de vista com mais frequência. Apesar dos nativos falarem mais que os migrados, os números sobre quem lidera

⁹ Tradução livre: 10 encontros, Daqui de lá, Karakia, Sem estereótipo e Todo um mundo. Karakia é um termo maori, uma invocação feita num ritual de preparação de alimentos.

¹⁰ Esta suposição é baseada no fato de que seriam exibidos nas férias e em horários que aparentam este caráter de reposição.

o ponto de vista são paritários. Em contraste, as mulheres autóctones são as personagens mais silenciosas e cujo ponto de vista aparece menos representado. Como resultado, na contagem total os homens acabam falando e tendo o ponto de vista mais frequentemente do que as mulheres.

Tabela 1: Os programas analisados.

Anos	Total de capítulos visualizados	Episódios com protagonistas migradas
2008	99	63
2009	92	39
2010	180	101
2011	160	89

Dos 92 episódios que foram ao ar durante o ano de 2009, em apenas 39 as mulheres migradas contam-se entre os protagonistas. Neste ano, vemos que a representação das migradas não é só minoritária comparando-se à presença masculina na tela, mas também é bastante comum que estas mulheres tenham de partilhar o protagonismo tanto com os homens autóctones quanto com os migrados. Além disso, nos audiovisuais analisados, tanto migradas quanto nativas falam com menos frequência do que os personagens do sexo masculino, sejam migrados ou autóctones. Isto ajuda a que tanto as mulheres migradas quanto as autóctones conduzam com menos frequência o ponto de vista dos capítulos, o que contribui para a perspectiva de programas relativos a 2009 possa ser considerada androcêntrica.

As características dos anos de 2010 e 2011 são bastante semelhantes entre si. Dos 180 episódios transmitidos em 2010, 101 possuem protagonistas migradas. Além do aumento considerável do número de capítulos apresentando essas mulheres, há uma clara diminuição no número de episódios com protagonismo compartilhado. Em 2011, foram vistos 160 capítulos, dos quais 89 têm mulheres migradas como protagonistas, mostrando novamente uma predominância do sexo feminino na distribuição total dos programas em relação ao sexo do protagonista. Nestes anos, mais uma vez as personagens principais são migradas, tanto falando quanto liderando o ponto de vista. Por outro lado, o silêncio e ausência de perspectiva das autóctones são ainda mais notáveis. Neste período, nota-se a importância decrescente dos autóctones e o crescimento da representatividade dos migrados. Assim, em 2010 e 2011, esses programas são protagonizados por pessoas migradas de ambos os sexos.

Finalmente, note-se que em 2008, 2009 e 2010, é a voz em *off* que realmente conduz o ponto de vista dos programas globalmente. Isto significa que, embora as pessoas migradas aparentemente tenham voz e se expressem livremente, a perspectiva dos programas é fortemente orientada pelos profissionais que produziram os programas. Neste período, a única exceção é *No Tòpic*, o qual não utiliza voz em *off*. Em 2011, esta tendência mostra um claro declínio, especialmente porque *Tot un món*, o programa que apresenta mais episódios em todos os anos estudados, parou de usar este recurso na apresentação de seus personagens. Igualmente, *D'aquí d'allà*, programa iniciado em 2010, tampouco utiliza a voz em *off*, o que contribuiu com a referida tendência.

A presença do narrador onisciente é geralmente uma das características mais comuns e mais criticadas tanto no estilo expositivo como no jornalístico, como definido por Nichols (1991). Com a voz em *off*, ironicamente também conhecida como a “voz de Deus”, o narrador simultaneamente expõe e interpreta o tema, cobrindo os possíveis interstícios das entrevistas. Assim, induz o espectador na direção de uma

determinada recepção de conteúdo, deixando pouco espaço para a ambigüidade e expressividade.

No entanto, o uso da voz em *off* também aparece bastante associado ao recurso à voz das personagens intradieéticas, ou seja, muitas vezes a narrativa é feita em primeira pessoa pelas personagens que vemos na tela. Esta possibilidade surge da dessincronização entre áudio e vídeo, aparecendo em momentos em que são vistas outras ações, sejam da personagem ou não, mas a narrativa continua através do discurso extradiegético do entrevistado. Este mecanismo foi criado como uma alternativa aos *talking heads*, nos quais temos uma visão fixa do entrevistado falando diretamente para a câmera.

Assim, a estratégia usada pelos audiovisuais representa uma contribuição de movimento e dinamismo, mas também uma forma de romper com o “ventriloquismo” do narrador extradiegético: ou seja, através deste recurso temos há o acesso em primeira mão dos pensamentos e sentimentos das pessoas representadas. Assim, depreende-se que os programas tentam chegar a um compromisso entre um olhar “objetivo” e outro mais subjetivo, talvez perseguindo uma visão conjunta com os personagens.

Por outro lado, para descobrir se as representações dos personagens são sexistas, foram utilizados alguns dos indicadores sugeridos pelas autoras do livro “*O ABC do jornalismo não sexista*” (Valle, Hiriart e Amado, 1996). Por exemplo, buscou-se estabelecer se as personagens aparecem associadas com aquelas atividades consideradas tipicamente femininas, como a maternidade, relações afetivas, a cozinha e/ou tarefas domésticas, ambiente doméstico, etc.

Neste sentido, vê-se que, em 2008, as pessoas migradas, homens e mulheres, são muito mais associadas aos relacionamentos afetivos, à maternidade/paternidade e à cozinha e tarefas domésticas que as pessoas autóctones. Embora os dados sobre homens e mulheres migradas nesses aspectos sejam bastante similares, a diferença entre as mulheres autóctones e as pessoas migradas é mais acentuada, enquanto a diferença de todos estes personagens e os homens autóctones é realmente enorme.

No que diz respeito às relações pessoais e à relação com o ambiente doméstico, esta tendência se repete de forma semelhante: os dados sobre homens e mulheres migradas são semelhantes, enquanto a diferença entre pessoas migradas e as mulheres autóctones é um pouco mais acentuada, enquanto a diferença entre todos esses personagens e os homens nativos é muito acentuada.

Também em 2009, as migradas aparecem mais associadas aos relacionamentos afetivos/sexuais, à maternidade, ao trabalho doméstico, às relações pessoais e ao ambiente doméstico do que outros personagens. Embora os homens sejam as personagens que mais falam e são portadores do ponto de vista, também são os menos associados com aquilo tradicionalmente considerado feminino por ter um status inferior na sociedade (relações pessoais, trabalho doméstico, de cuidado dos dependentes, etc.). Os homens nativos não aparecem relacionados ao ambiente doméstico, muito menos com o desempenho do trabalho doméstico. A sua associação com a paternidade também é bastante escassa.

Em 2010, as mulheres, tanto migradas como nativas, aparecem mais ligadas aos relacionamentos, à maternidade e à cozinha e/ou tarefas domésticas do que os homens. Embora as autóctones estejam mais associadas aos relacionamentos afetivos/sexuais, as migradas aparecem muito mais associadas à maternidade e, mais ainda, à cozinha e às tarefas domésticas. Entre os homens, os migrados novamente aparecem mais associados a estas esferas que os locais, embora em ambos os casos a evasão do trabalho doméstico seja muito pronunciada. No entanto, são especialmente os homens autóctones que são raramente represen-

tados cozinhando e/ou limpando.

Em 2011, as pessoas migradas, homens e mulheres, são muito mais associados aos relacionamentos e à maternidade/paternidade. Neste ano, as mulheres nativas são as personagens que aparecem menos ligadas aos relacionamentos e à maternidade. Além disso, observe-se que tanto mulheres e homens autóctones quanto os migrados praticamente não são representados como relacionados ao trabalho doméstico. Assim, os homens autóctones novamente são particularmente sub-representados em termos domésticos e familiares, enquanto as migradas são sempre as personagens que mais aparecem limpando e/ou cozinhando.

Relativamente à identificação com as relações pessoais e o ambiente doméstico, em 2010 e 2011, as pessoas migradas aparecem mais associadas a estes âmbitos do que homens e mulheres autóctones. Novamente, as migradas aparecerem mais associadas ao ambiente doméstico e, ainda mais fortemente, às relações pessoais. As autóctones aparecem associadas aos relacionamentos pessoais mais ou menos na mesma proporção que os migrados ao ambiente doméstico. No entanto, estas mulheres dificilmente aparecem em seu ambiente doméstico. Os homens autóctones praticamente não aparecem relacionados aos relacionamentos afetivos/sexuais nem ao ambiente doméstico, mas são mais representados em termos das relações do que da esfera doméstica, a qual é bastante ausente nos programas.

Conclusões

Os programas de não ficção sobre as migrações internacionais produzidos pela televisão pública da Catalunha surgem em um contexto no qual as representações dominantes sobre a migração e as pessoas migradas foram publicamente criticados por vários atores sociais. Com estes programas, o canal catalão incorpora algumas destas críticas em sua política de representação da diversidade.

Nestes programas, as personagens migradas aparecem dotadas de voz e discutem diferentes aspectos da migração. Neste sentido, é preciso ressaltar o protagonismo das mulheres migradas em 3 dos 4 anos analisados, algo incomum na televisão espanhola e catalã até o momento. Além disso, frequentemente as migradas conduzem o ponto de vista dos episódios, além de serem representadas enquanto pessoas profissionais e integradas à sociedade.

Apesar desses méritos, há fatores que apontam para uma perspectiva euro e androcêntrica. Neste sentido, a predominância da voz em *off* conduzindo a perspectiva dos programas em 3 dos 4 anos analisados indica que, apesar de uma abordagem mais centrada nas pessoas migradas, prevalece o discurso do canal e dos seus profissionais. Assim, pode-se dizer que ainda continua predominando uma perspectiva autóctona sobre as migrações internacionais. Apesar disso, a grande diminuição na utilização do *voiceover* extradiegética observada no último ano analisado é uma tendência promissora.

Como demonstrado, alguns traços dos programas analisados indicam uma representação androcêntrica. Neste sentido, as mulheres migradas são frequentemente associadas à maternidade, à relação de casal heterossexual, à domesticidade, às relações pessoais etc. Em contrapartida, apesar da escassa presença de mulheres catalãs nesses programas, verificou-se que a sua representação é muito menos relacionada aos papéis tradicionais de gênero. Note-se também que as representações dos homens autóctones

aparecem completamente distanciadas daquelas tarefas e ocupações tradicionalmente consideradas femininas. Assim, os programas de não ficção de TV3 refletem algumas das contradições e ambivalências dos discursos sobre as migrações, especialmente em termos de gênero.

Referências

- AAVV. (2002). *Mitjans de comunicació i immigració. Quaderns del CAC 12*. Barcelona: Consell Audiovisual de Catalunya.
- AAVV. (2005-6). *Televisió i immigració. Quaderns del CAC 23-24*. Barcelona: Consell Audiovisual de Catalunya.
- ANDERSON, B. (1991). *Imagined Communities*. Londres: Verso.
- ARGOTE, R. (2003). «La mujer inmigrante en el cine español del inaugurado siglo XXI». *Feminismo/s* [Alacant], núm. 2, p. 121-138.
- CARRACEDO, L. (2008). «Obstáculos y oportunidades para mejorar la cobertura de la inmigración en femenino en los medios» [en línia]. *Mujeres en Red*, vol. 32, núm. 1 (gener). <<http://www.mujaresenred.net/spip.php?article1058>> [Consulta, 05 d'abril de 2008].
- CLUA FARNÉ, M. (2011). «Catalanes, inmigrantes y charnegos: “raza”, “cultura” y “mezcla” en el discurso nacionalista catalán». *Revista de Antropología Social*, núm. 20, p. 55-75.
- GILROY, P. (1993). *The Black Atlantic: Modernity and double consciousness*. Cambridge: Harvard University Press.
- GREGORIO GIL, C. (2002). «Procesos migratorios y desigualdad de género». A: GARCÍA-MINA, A.; CARRASCO, M. J. (eds.). *Cuestiones de género en el fenómeno de las migraciones*. Madrid: Universitat Pontificia Comilles, p. 11-38.
- LARIO BASTIDA, M. (2006). *Medios de comunicación e inmigración*. Múrcia: Caixa d'Estalvis del Mediterrani.
- LORITE, N. (dir.) (2004). *Tratamiento informativo de la inmigración en España. 2002*. Madrid: Ministeri del Treball i Afers Socials.
- MILLS-AFFIF, É. (2004). *Filmer les immigrés. Les représentations audiovisuelles de l'immigration à la télévision française 1960-1986*. Brussel·les: De Boeck & Larcier, Institut nacional de l'audiovisual.
- MORENO, A.; ROVETTO, F.; BUITRAGO, A. (2007). *¿De quién hablan las noticias? Guía para humanizar la información*. Barcelona: Icaria.
- NICHOLS, B. (1991). *Representing Reality: Issues and Concepts in Documentary*. Bloomington: Indiana University Press.
- RODRIGO ALSINA, M. (2006). «Posmodernidad y Crisis de Identidad». *Revista Científica de Información y Comunicación*, núm. 3, p. 125-146.
- RODRIGUES BREIJOO, V. (2009). «La imagen de la mujer inmigrante en televisión». *Actas del I Congreso Internacional Latina de Comunicación Social, 9-11 de diciembre de 2009 (CD-Rom)*, Facultat de Ciències de la Informació de la Universitat de La Laguna i Societat Llatina de Comunicació Social.
- SANTAMARÍA, E. (1993). «(Re)presentación de una presencia. La “inmigración” en y a través de la prensa diaria». *Archipiélago*, núm. 12, p. 5-72.

SANTAOLALLA, I. (2005). *Los “otros”: etnicidad y “raza” en el cine español contemporáneo*. Saragossa: Premses Universitàries de Saragossa.

SIPI, R.; ARAYA, M. (2005). *Les Dones Immigrades: apunts, històries, reflexions, aportacions...* Barcelona: Institut Català de les Dones.

SHOHAT, E.; STAM, R. (2002). *Multiculturalismo, cine y medios de comunicación. Crítica del pensamiento eurocéntrico*. Barcelona: Paidós.

STOLKE, V. (1995). «Talking Culture: New Boundaries, New Rethorics of Exclusion in Europe». *Current Anthropology*, vol. 36, núm. 1, p. 1-24.

UNIÓ EUROPEA DE RADIODIFUSIÓ (ed.) (1997) *SCORT 2007. EBU System of Classification of Radio and Television Programmes*. Ginebra: UER.

VALLE, N.; HIRIART, B.; AMADO, A.M. (1996) *El ABC del periodismo no sexista*. Santiago de Xile: Fempress/ILET.

